

A ÁRVORE DOS CANTOS

*Ou o livro das transformações contadas pelos
yanomami do grupo Parahiteri*

edição brasileira© Hedra 2016

edição Luisa Valentini e Jorge Sallum

revisão Luisa Valentini e Vicente Sampaia

ISBN 978-85-7715-511-8

corpo editorial Adriano Scatolin,
Caio Gagliardi,
Jorge Sallum,
Oliver Tolle,
Ricardo Musse,
Ricardo Valle,
Tales Ab'Saber,
Tâmis Parron

Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, em vigor no Brasil desde 2009.

Direitos reservados em língua portuguesa somente para o Brasil

EDITORA HEDRA LTDA.
R. Fradique Coutinho, 1139 (subsolo)
05416-011 São Paulo SP Brasil
Telefone/Fax +55 11 3097 8304
editora@hedra.com.br
www.hedra.com.br

Foi feito o depósito legal.

A ÁRVORE DOS CANTOS
*Ou o livro das transformações contadas pelos
yanomami do grupo Parahiteri*
Anne Ballester

1ª edição

hedra

São Paulo_2016

A Coleção Mundo Indígena reúne materiais produzidos com pensadores de diferentes povos indígenas e pessoas que pesquisam, trabalham ou lutam pela garantia de seus direitos. Os livros foram feitos para serem utilizados pelas comunidades envolvidas na sua produção, e por isso uma parte significativa das obras é bilíngue. Isso garante também a divulgação da imensa diversidade linguística dos povos indígenas no Brasil, que compreende mais de 150 línguas pertencentes a mais de 20 troncos linguísticos.

Caso você tenha gostado do que aprendeu neste livro e queira usar alguma história ou conhecimento, por favor entre em contato com a editora para pensarmos juntos com as comunidades. Lembre-se por favor que mitologia, neste caso, não é questão autoral tampouco domínio público.

Sumário

| | |
|---|--------|
| Apresentação | 7 |
| Como foi feito este livro, <i>por Anne Ballester Soares</i> | 9 |
| Para ler as palavras yanomami | 13 |
| A ÁRVORE DOS CANTOS | 15 |
| A árvore dos cantos | 17 |
| Amoa hi ã he rë haanowehei | 21 |
| Monstro këyakëya | 25 |
| Këyakëya | 31 |
| O surgimento das cobras | 35 |
| Të pë rë oruprarionowei | 41 |
| A onça e a centopeia | 47 |
| İra xo, wapororitawë xo ki he haapii | 49 |
| A onça e o tatu | 51 |
| İra xo, opo xo ki he haapii | 55 |
| A multiplicação das onças | 59 |
| İra pë rë pararoyonowei | 63 |
| Minhocão | 67 |
| Horemariwë | 77 |
| O pássaro popomari | 87 |
| Popomaritawë | 89 |
| O surgimento da flecha | 91 |
| Xereka a rë kuprarionowei | 93 |

| | |
|---------------------------------------|-----|
| Antes do surgimento do terçado | 95 |
| Sipara a rē kuprarionowei | 97 |
| O corte dos cabelos | 99 |
| Tē pē hemakasi pēyomou rē hapamonowei | 101 |

Apresentação

ESTE LIVRO reúne histórias contadas por pajés yanomami do rio Demini, sobre os tempos antigos, quando seres que hoje são animais e espíritos eram gente como os Yanomami de hoje. Estas histórias contam como o mundo veio a ser como ele é agora.

Trata-se de um saber sobre a origem do mundo e dos conhecimentos dos Yanomami que as pessoas aprendem e amadurecem ao longo da vida, por isto este é um livro para adultos. As crianças yanomami também conhecem estas histórias, mas sugerimos que os pais das crianças de outros lugares as leiam antes de compartilhá-las com seus filhos.



Como foi feito este livro

Anne Ballester Soares

Os Yanomami habitam uma grande extensão da floresta amazônica, que cobre parte dos estados de Roraima e do Amazonas, e também uma parte da Venezuela. Sua população está estimada em 35 mil pessoas, que falam quatro línguas diferentes, todas pertencentes a um pequeno tronco linguístico isolado. Essas línguas são chamadas yanomae, ninam, sanuma e xamatari.

As comunidades de onde veio este livro são falantes da língua xamatari ocidental, e ficam no município de Barcelos, no estado do Amazonas, na região conhecida como Médio Rio Negro, em torno do rio Demini.

Em 2008, as comunidades Ajuricaba, do rio Demini, Komixipiwei, do rio Jutai, e Cachoeira Aracá, do rio Aracá — todas situadas no município de Barcelos, estado do Amazonas — decidiram gravar e transcrever todas as histórias contadas por seus pajés. Elas conseguiram fazer essas gravações e trans-

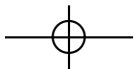
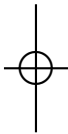
crições com o apoio do Prêmio Culturas Indígenas de 2008, promovido pelo Ministério da Cultura e pela Associação Guaraní Tenonde Porã.

No mês de junho de 2009, o pajé Moraes, da comunidade de Komixipiwei, contou todas as histórias, auxiliado pelos pajés Mauricio, Romário e Lauro. Os professores yanomami Tancredo e Maciel, da comunidade de Ajuricaba, ajudaram nas viagens entre Ajuricaba e Barcelos durante a realização do projeto. Depois, no mês de julho, Tancredo e outro professor, Simão, me ajudaram a fazer a transcrição das gravações, e Tancredo e Carlos, professores respectivamente de Ajuricaba e Komixipiwei, me ajudaram a fazer uma primeira tradução para a língua portuguesa.

Fomos melhorando essa tradução com a ajuda de muita gente: Otávio Ironasiteri, que é professor yanomami na comunidade Bicho-Açu, no rio Marauíá, o linguista Henri Ramirez, e minha amiga Ieda Akselrude de Seixas. Esse trabalho deu origem ao livro *Nohi patama Parahiteri pë rë kuonowei tẽã— História mitológica do grupo Parahiteri*, editado em 2010 para circulação nas aldeias yanomami do Amazonas onde se fala o xamatari, especialmente os rios Demini, Padauri e Marauíá.

Em 2013, a editora Hedra propôs a essas mesmas comunidades e a mim que fizéssemos uma reedição dos textos, retraduzindo, anotando e ordenando as narrativas para apresentar essas histórias

para adultos e para crianças de todo o Brasil. Assim, o livro original deu origem a diversos livros com as muitas histórias contadas pelos pajés yanomami. E com a ajuda do PROAC, programa de apoio da Secult-SP e da antropóloga Luísa Valentini, que organiza a série Mundo Indígena, publicamos agora uma versão bilíngue das principais narrativas coletadas, com o digno propósito de fazer circular um livro que seja, ao mesmo tempo, de uso dos yanomami e dos *napë* – como eles nos chamam.



Para ler as palavras yanomami

Foi adotada neste livro a ortografia elaborada pelo lingüista Henri Ramirez, que é a mais utilizada no Brasil e, em particular, nos programas de alfabetização de comunidades yanomami.

/i/ vogal alta, emitida do céu da boca, e que soa próximo a I e U

/ë/ vogal entre o E e o O do português

/w/ U curto, como em “língua”

/y/ I curto, como em “Mário”

/e/ vogal E, como em português

/o/ O, como em português

/u/ U, como em português

/i/ U, como em português

/a/ A, como em português

/p/ como P ou B em português

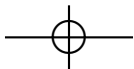
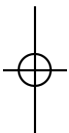
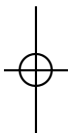
/t/ como T ou D em português

/k/ como C de “casa”

/h/ como o RR em “carro”, aspirado e suave

/x/ como X em “xaxim”
/s/ como S em “sapo”
/m/ como M em “mamãe”
/n/ como N em “nada”
/r/ como R em “puro”

A árvore dos cantos



A árvore dos cantos

NÓS VAMOS CANTAR. No início, não havia canto, não havia, ninguém cantava. Onde se erguia a árvore dos cantos, os dois foram caçar. Dois moços Wakusitari – dois não, um só moço, que a descobriu em sua região.

Os Katarowëteri eram os amigos dos Yãrusi, cujo líder se chamava Yãrusi. Do outro lado da planície, eles, os Wakusitari encontraram a árvore dos cantos.

Outros dizem que foram os Koteahiteri que descobriram a árvore cantando, e que chamaram os Katarowëteri para pegar os cantos.

Graças à árvore, os Koteahiteri se enfeitaram com penas de cauda de papagaio, pintaram-se com elegância, colocando crista de mutum, e dançaram. Era uma região bonita e plana onde crescia somente a planta ária. Eles ocupavam uma bela região.

Por isso, dois moços Koteahiteri foram caçar.

— Vamos entrar na mata, lá adiante!

O irmão mais velho e o irmão mais novo foram caçar. A floresta parecia mais baixa por causa da luz forte, como a luz do dia na roça. Foram embora naquela direção, andando. Andavam no meio do brejo, andavam no meio, ouviram os ecos dos cantos.

Não havia sujeira no chão onde encontraram a árvore dos cantos dançando, para frente e para trás. Havia somente areia bonita e muito brilhante. A árvore dançava.

— ãë, ãë, ãë, e, e, e, e, e, ãë, ãë, ãë, ãë!— encontraram a árvore cantando assim.

— Ë, äë, ëäë, ëäë, ëäë, ëäë, ëäë, ëäë! – cantava a árvore.

Enquanto isso, o irmão Katarowëteri, o filho mais velho, disse:

— Õo, irmão menor! Dá pra ouvir um canto, lá onde há uma luz grande acima do pântano, o som do canto vibra lá, escute isso! Provavelmente é o som de um grande monstro! Esse som, naquela direção, mais adiante! Vamos nos aproximar por ali, abrir um caminho no areal! Venha aqui! Vamos, irmão menor! Vamos logo olhar de perto!

— Será voz de gente?— disseram os dois.

Onde a árvore dançava, a luz forte batia na areia bonita.

— Õoooãaaa! Vamos, irmão menor, vamos! A árvore dos cantos está dançando, vamos, vamos, vamos até nosso pai, para avisá-lo!— disse.

O irmão menor subiu em uma árvore bonita *matomĩ* inclinada, para ver se havia gente por perto, se via algum movimento, subiu e ficou no alto.

Ali, na areia, a luz brilhava de todas as cores, repousava bem no centro, e a árvore dançava devagar para frente e para trás, cantando. A boca da árvore era bem bonita, e a árvore dançava para frente e para trás.

O irmão menor desceu e disse:

— Ōooãaaa! Irmão mais velho! Irmão mais velho! Nossa! Está lá cantando e dançando, de uma maneira tão bonita, é a árvore dos cantos! Querido, parece que essa árvore canta, essa árvore tem cantos bonitos!

— Vamos! Vamos até nosso pai!

Os dois disseram e correram imediatamente. Chegaram correndo.

— Prohu! Chegamos!

Eles encontraram esse som e se enfeitaram por causa da árvore dos cantos.

— Meus queridos! Enfeitem-se para pegarem cantos bonitos!— disse o líder dos Koteahiteri.

O irmão mais velho fez o *himou* com o pai, contando-lhe sobre a árvore dos cantos.¹

1. O *himou* é uma modalidade de diálogo cerimonial usada para trazer notícias, ou fazer um convite para uma festa.

— Tãrai! Ha! Meu pai! Pai! Olhe! Sou teu filho, olhe! Você não sabe por que voltei logo correndo! Você nem sabe! Pai! Pai! Pai! Você nem imagina o canto bonito que meus ouvidos ouviram! De arregalar os olhos! Meu pai! Meu pai! Meu pai! Você que mora aqui, eu sou seu filho, eu não lhe diria para proibir as mulheres se enfeitarem!— disse.

— É claro! É claro! Queria ouvir isso mesmo, meu filho mais velho, querido!— respondeu seu pai.

Fez o *himou*:

— Vamos! Ōoooãaaaaõõããõõãã! Ele viu uma bonita árvore dos cantos! Ōõoo! — gritaram.

Ficaram animados.

Amoa hi ã he rë haanowehei

Amoa pëma a tapë. Hapa amoa a kuonomi. Kuonomi, ai tē pë kã amoamonomi, tēhë amoa kama hi rë upraatayowei hami, ki rami hupirayoma.

Kutaeni hi ã eë hapirema Wakusitari a huyani, kipini mai, yami a huyani. Katarowëteri pë rë kui, Yârusi kama nohi e pë wãha kuoma, Yarusi përiami a wãha kuoma yaro. Ihi ai maxi yari hami Wakusitari pëni amoa hi ã he haremahe.

Inaha ai tē pë kui: Hei Koteahiteri pë yaini amoa kē hĩ ã he haamahe. Katarowëteri kē pë ha nakarëheni, amoa kē hĩ ã toamahe.

Amoa hi nohi pauxiamahe. Werehi xina pata huuhamahe. Pë onimoma, pë no aiama, ikimo a huuhamahe, pë ha kuaani, amoa hi nohi praiamahe. Urihi katehe kē, kuma kē masi he pata yarimoma, urihi katehe a pomahe.

Pouhe yaro, ihi Koteahiteri huyahuya ki rami apiyo hërima. Ki rami ha apiro hëriini.

— Kiha pëhë ki ha paikutuni!

Hei pë pata, hei pë oxe, inaha rami kē ki hupima, rami kē ki apiyo hërima. Kutaeni, hiii!

e tē xīi pata yahatotoa hērima. Hikari kurenaha e tē xīi pata kuaa hērima. Kuaa hēripē hami, kipi katito hērima. Matotapi hērima.

Yāmaro kē xīi pata hami ki mi amopia hērima, mi amopia hēriiweiuiiiiii, mi amo yai ha amoa kē ā wa karēhoma, mi amo yai ha hēka a praopē ha kunomai, amoa kē hi tirurou he hapirema, makamaka katehe kē a pata yaixīi no aihimou totihiope hami, amoa kē hi tiruroma.

— Āē, āē, āē, e, e, e, e, e, āē, āē, āē, āē! — amoa e hi kupii he harema. — Ē, aēē, ēaēē, ēaēē, ēaēē, ēaēē, ēaēē! — amoa e hi kupīma. Kui ha, Katarowēteri pata a rē kui, ihirupi pata e rē kui:

— Ōo! Ōasi! Amoa a nohi karēhorati kihi tē xīi pata rē makerati ha, kihi amoa, kiha amoa kē a morokai kurati, yimika ta taprao, īhi rē — e kuma — Yai tē ā pata pē wēē! — pata e kuapraroma. Ihi Koteahiteri pēni. — Kihi tē ā rē morokarati hami, mihi tē pata makamakapi rē matoto piyēhēri hami, wa yo ha reikimapaharuni, a ta ahehetetaru! — pata e rē kuyaronowei — Pei! Oxei! Pēhē tē ta mihi ahetou xoao!

— Yanomami rē tē pē ā mata tawē!

Ki noā tapiyoma, amoa kē hi tirurupē hami. Hīiiii! Makamaka katehe kē e xīi pata makeoma.

— Ōooāaaa, pei kē, oxei, pei kē oxei, amoa hi rē tiruropiyei ē, pei kē, pei kē, hayē kē ihami ēē, hayē pēhē a yimikamapēē! — e kuma.

Matomi katehe hi pata kaiopë hami, oxe e tukema, Yanomami të pë mii ha, të pë xurirou mii ha, e ha tuikuni, e ha tirehetaruni.

Kihi makamaka kë a xii pata no aiwë makeai kupiyei, mi amo yai hami amoa kë hi wa kâi opi tirutirumoma, të hi kahiki no aiwë no kirii, e të hi tiruroma.

— Öooãaa! — e ha nihoroto hërihi — Apa! Apa! Kurahë katehe kë të wã kâi tirurou kuopiyei. Apa, amoa kë hi ë! — a kuma — Pusi amoa kë hî ã no taië, pusi amoa katehe kë hî ã rë taië! — e kuma.

— Pei kë! Hayë kë ihami ë! Ki ha kupini, ki rërëpia xoape hërima. Ki ha rërëpipa hërihi:

— Prohu! — e ki kupima.

Amoa hi nohi pauxiaihe ha:

— Pusi pei kë pë ta pauximo xë! Amoa katehe wama a toapë! — përiami Koteahiteri e kumahe.

Hi nohi himopiamama pë patani e hi nohi himoama, amoa hi wãha nohi wëai ha, pë hii iha.

— Tãrai! — e kuma — Ha! Napemi! Napemi! Ha! Hei yarohë ya rë kuii, ha! Weti wa të tai ha, wa të rërëi mi yapa a ta kuponi? Wa puhi kuorani ha kunomai! Napemi! Napemi! Napemi! Hei ya yimika ha amoa katehe ya rë hiritaiwei! Ya mamorë ikeketouwei, napemi! Napemi! Napemi! Hei ki suwë rë kui, ki pauximomai mai! E roa yai a ta përa! Yarohë ya rïya kuorani kunomai! — e kuoma. E kui ha:

— Hã! Hãoooo! Noa tai yai a ta përaxëa. Pusiwë! Pusiwë! Ha! Inaha rë kē, inaha rë kē — pë hii e kuma.

E nohi himoama.

— Pei kē! Ōoãõoãõoã! Amoa katehe hi he hõra rë harenowë! Ōoooo! — e pë kuma.

E pë xi wã kã toaama.

Monstro këyakëya

HAVIA TAMBÉM os que viviam na região centro-sul, os Yăimoropiwei, que ficaram presos, pois moravam dentro da terra com o monstro Këyakëya— que, portanto, não era gente.

Os que asfixiaram Këyakëya existiam bem antes de nossos antepassados. Këyakëya morava dentro da terra, na vizinhança do xapono dos ancestrais.¹

Apesar de ser um monstro, Këyakëya era líder dos Yăimoropiwei. Os companheiros de Këyakëya moravam dentro da terra e a casa deles tinha um respiradouro, como o da casa do tatu. A casa de Këyakëya também tinha um respiradouro. Moravam ali também os Motuxi, que se dividiram e se espalharam.

Os Prăkiawëteri asfixiaram Këyakëya, tentando matá-lo. Asfixiaram-no, foi assim que nos ensinaram a matar. Eles não o mataram com flecha.

1. Os xaponos são as casas coletivas circulares onde moram os Yanomami. Cada casa corresponde a uma comunidade; em geral não se fazem duas casas numa mesma localidade.

No início, não havia matança, não havia inimizade, não havia briga mortal. Os *napë* também não existiam.² Os nossos antepassados não sabiam manifestar ira nem raiva.

Ele conseguiu escapar sob a forma de espírito. Ele não se transformou à toa. Os companheiros dele, como nós, sempre padeciam de fome; todos morreram pela fumaça que entrou no buraco.

Këyakëya nos legou o sentido de vingança por causa da filha de quem? Qual é o nome do pai cuja filha foi vítima da crueldade de Këyakëya, que chegou e entrou no xapono? A vítima que, brutalmente, Këyakëya fez descer da rede e sair era a filha do líder dos Naiyawëteri. Era uma moça bonita, realmente muito bonita. Ela estava na primeira menstruação, e mesmo assim, ele a arrancou da reclusão.

Apesar de ser monstro, Këyakëya existia e vivia como gente. Como morava dentro de um buraco, depois de trucidar a menina menstruada, ele e os demais membros do grupo foram asfixiados pelos Prãkiawëteri. Mas apenas Këyakëya conseguiu fugir, se tornando eterno na forma de espírito. Ele ainda existe como espírito.

Naiyawë desganhava um pé de fruta *naĩ*³ em uma roça distante. Aooo, aoooo, aoooo, aooo! Fazia assim para sua gente.

2. O termo *napë* designa os estrangeiros, em geral os brancos, ou quem adotou seus costumes.

3. Segundo Lizot, uma balateira, *Manilkara bidentata*.

Enquanto eles comiam a fruta *nai*, Këyakëya arrancou a menina do seu recluso, matou-a e a devorou. Ele a comeu sozinho.

Fez lascas pequenas da carne das demais crianças, que também havia trucidado, para oferecer a todos seus companheiros. Amontoou as lascas de carne que ele colocou no seu grande cesto, chamado *yotema*. Carregou todos os restos das crianças massacradas e levou junto o irmão da menina menstruada, que estava vivo e bonito. Ele o fez sentar em cima dos cadáveres dentro do cesto.

O menino vivo, que ele levou, transformou-se em papagaio durante o percurso. Këyakëya saiu do xapono dos Naiyawëteri e andava a passos largos, foi então que o menino, já de longe, disse:

— Kuao! Kuao! Kuao!

Esse som se tornou o som dos papagaios. Esses pássaros voam; ele pousou em um galho e assim ficou. Këyakëya olhou para a beira do cesto, querendo ver se o menino ainda estava sentado. Fez o filho de Naiyawëse tornar papagaio. Como o menino não estava, ele retornou àquela direção. O menino se tornou a imagem do papagaio que grita: Kuao! Kuao! Kuao!

— Ouça! Meu xerimbabo! Onde você pousou? Kuato, kuato, kuato! — disse Këyakëya voltando e correndo.— Em qual paragem você ficou? Kuato, kuato, kuato!

— Öiyaoooo!— disse o papagaio.

Assim disse aquele que, apesar de ser filho de gente, tornou-se papagaio.

É a história dos antepassados. Também existiam monstros com outros xaponos, sendo essa a história de Këyakëya e dos Yäimoropiwei, que moravam em xaponos pouco distantes um do outro.

Depois, aparecerá o nome do rio que tirará e levará muitos ancestrais Yanomami. É somente depois da história dos Yanomami levados pelo rio que vem nossa história. Os Waika a contam de uma maneira diferente, eles a contam conforme seus antepassados lhes contaram.⁴

Os companheiros de Këyakëya não sobreviveram, morreram todos pela fumaça. Eles os asfixiaram a todos, somente Këyakëya sobreviveu, se transformando em espírito eterno. Esse sobrevivente alcançou o xapono dos espíritos, pois se tornou um deles, quando ainda eram Yanomami e moravam como nós. Ele os alcançou e ficou lá.

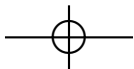
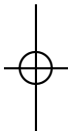
Não mora mais onde o asfixiaram. Somente restou o marco dele. Não pensem que os companhei-

4. O par *waika/xamatarí* parece ter sido usado originalmente para designar outros grupos yanomami vivendo em região geográfica diversa de quem fala, os primeiros ao norte e oeste, e os segundos ao sul, reconhecendo-se neles conjuntos de características que os particularizam. Os termos foram atribuídos em diferentes momentos pelos brancos para designar grupos específicos de forma estável e, no caso de *xamatarí*, para designar a própria língua do tronco yanomami usada pelos Parahiteri que fizeram este livro.

ros de Këyakëya sobreviveram e se agruparam enquanto ele alcançava os espíritos!

Não houve sobreviventes do grupo dos Naiyawëteri. Acontecerá depois. Os sobreviventes eram os que afundaram, não os outros antepassados. As águas sobem devagar e os que afundam são os únicos sobreviventes.

Depois, os que tinham o mesmo nome que as montanhas também sobreviveram.



Këyakëya

Kama pë rë kuonowei koro ha mi amo ha, pë xi rë wārionowei, pë rii rë titionowei, yai tēni pë kâi titioma. Këyakëya, Yanomamimi makui, a përioma.

A rë yarënowehei. Kamiyë pëma ki no patapi përio mao tēhë, tē pë rë përio xomaonowei tē pë wāha xomaa. Ihi pata pë yahipi he tikë ha, pëixoki ha, yai tē titioma.

Këyakëya përiami a wāha, yai tē makui. Ihini Yāimoropiweiteri pë kâi përioma. Këyakëyani pë kâi rë titionowei, mahu hëremopi kuoma, opo pë hëremopi rë kurenaha Këyakëya yai tē hëremopi kuoma kutaeni, Motuxi pë pata xereremou piyëkë-moma kutaeni, kama e pë kâi rë përiowei, Motuxiwëteri pë kâi titioma. Këyakëya ei pë wāha.

Wetini Këyakëya pë kâi rë titiaiwei, weti naha pë wāha kuoma? Ihi Prākiawëteri pëni Këyakëya a yarëmahe, a xëpraremahe. Ihi pëni pëma ki ixou hiraihe ha, Yāimoropiweiteri pëni Këyakëya a unokai yarëmahe. A xëprapehe, a yarëmahe, kamiyë pëma ki xëprayopë. A nianomihe.

Hapa niayou tē kuonomi. Pëma ki napëmayou, xëprai tē kuonomi. Napë pë makui, pë kâi kuonomi.

Pëma ki nohi patama waitirimou taonomi, huxuo kâi taonomi, ïhi pë xëremahe.

Këyakëya a xëprai puhioma makuhei, a xëpranomihe. A hekura tokua he yatirayoma, kama a kuprou pëonomi. Hei kamiyë kureneha kuwë të pë no xïro preaama, të pë hititiwë nomarayoma.

Këyakëyani weti tëëpi noã prearema? Këyakëyani pë tëë e napë rë itorayonowei, e napë rë harayonowei, weti naha pë hïi e wâha kuoma? Naiyawëteri ihirupi, tëëpi noã prearema. Kama përiami Naiyawëteri a yai kuoma. Suwë katehe a yai kuoma. Pë tëë e yai riëhëoma, kamiyë kurenaha mai! ïhi suwë katehe yipi a ha ukëa he ha yatirëni, a noã prearema.

ïhi a përioma, Këyakëya a rë përiomowei, yai të makui Këyakëya a Yanomami përioma. A titioma kutaeni, inaha të tama yaro, yipi hena xëprai xi ha wârironi, kama e pë rë kui, e pë no ha preraruni, e pë ha yarërarihenï, kama a rë kui a parimi hekura tokua xoarayoma. ïhi a hëa xoa, hekura.

Kihi hikari a rë kurahari naha, nai a pehi pata tihetimamahe ha:

— Äooo, äoooo, äoooo, äooo! — Naiyawëteri e pë kuma.

Nai a waihe tëhë, a ukëa hearema. A xëprapë, a wapë. A warema. Yamini a warema.

Nakaxi yâhi pë wai ha tani, tani, kama urihiteri pë haikama, pë topërarema. E yâhi ki ha orihenï. Pë ihirupi pë no maprai hearayoma yaro, hititiwë

pë mi këa heararema, pë yehire hërima, kama yotema e hami. Ihiru e pë no payeri rë tapraiwei, pë titire hërima. Ihi pë tai makure, a rë përiaiwei, yaipi rë këprarihe, ihirupi e rë kui a yure hërima. Temi. A rë riëhei. E tikëmare hërima.

Ei a rë yurehe, kiha a kâi kutou tēhë, werehi e kuprarioma. Hëyëha a kâi rë hare, a kâi rë rahu-rahumoimati, kihi karexi si rë prarahari naha a kâi kutou tēhë:

— Kuao, kuao, kuao! — tē pë werehi rë ku-
uwei a no uhutipi kuprarioma, tē pë yëi ha piyei
kuni heinaha e ha waroroikuni, e kasiki mipra-
rema, Këyakëyani, e tikëa mii ha. Përiami e ihirupi
werehipramarema. A maa ha, e wã kâi yëa mi ya-
pakema:

— Tãrio, weti ha wa hore piyëkei kuhe? a wãti.
Kuato, kuato, kuato! — e kui mi rërëa mi yapakema
— Weti ha a hëprario kuhe? Kuato, kuato, kuato!

— Öiyaooooo! — e kurayoma. Yanomami ihirupi
kuoma makui, e kua topramarema, inaha e kuma.

Inaha tē ã kua, pata tē rë kui, inaha tē pë kua-
ama. Ihi yai tēni pë kâi përioma, ihi tēhë ai tē pë
rë përiowei, ihi tē ha, hei Këyakëya a rë yarë-
nowehei, Yäimoropiweiteri pë hirao he paoma.

Ihi ei rë pë rë kui, waiha pei rë u kë wãha rë ta-
ore hami, pë rë pakakumare tē wãha kupropë. Ihi
rë tē he tikë hami, tē he tikëatayoa, tē he tikëa ku-
rati, komosi tē ã yai. Hei Waika pë rë kui, maa,
kama e tē rii taihe. Kama pë no patapi wãha rii tao.

Kamiyë pëma ki no patapini të ã rë wëyënowehei ei të ã rii. Të rii ma rë yaitapraruhe. Ihi kama, ihi të rii maxi hami, ñaha të kuoma, hapa të pë rë përiowei.

Ihi Këyakëya urihi teri pë rë kuonowei të maxi hami pë rë kuonowei, Këyakëya urihiteri pë rë kui, ai e pë hëpronomi, kai wakë xini, pë xëpraremahe. Pë yarëprai haikirayomahe yaro, ai pë temi haimi, hei pë rë kui, Këyakëya kama a rë kui, a hekura ha parimipraruni, a hëtarioma. A nomanomi. Ei a rë kui, hekura pë iha a waroopë, a hëprario kuhe, Këyakëya hekura. Yanomami pë kuo tëhë, hei pëma ki rë kurenaha hekura pë përioma. E warokemahe. Iha a kuopë.

Kama a rë yarënowehei ha a titia xoaami. Hekura yai të pë iha a warokema. Pei uno kua hëa. Hei pë rë kui, hei pë rë hëpraruhe, hei pë rë kui, Këyakëya hëyëmi e kua rë xoarahai weti naha kuwë të pë hiraopë ha, Këyakëya a warokema, pë puhi kuu mai! A warokema.

Naiyawëteri pë rë hëre, hei pë hëtopë mai! Hei pë mixi rë tuore, pë xïro hëprario, ai të pë no patama hëpronomi. Wäisipi, ñitoripi të u wai rë ôkimouwei, pë mixi rë tuowei pë rë kure, hei kë pë.

Ihi pë rë kui, te he tikë hami ai pë rii, pei ma pë rë kui, ma pë wâha rë yehiponowehei, ñhi pë kâi hëprarioma.

O surgimento das cobras

N ESSA ÉPOCA TAMBÉM, as cobras não rastejavam como rastejam hoje, elas viviam como os Yanomami. Transformaram-se onde desceu o Sangue da Lua, na floresta. Lá, caíram as cobras que picam. Transformaram-se em cobras lá em cima, enquanto iam para uma festa. Hoje, quando vocês olham para o céu, vocês veem o peito daqueles que se transformaram em cobras. Não havia cobras, nem jiboias, nem sucurijus. Os poraquês não existiam, nem os peixes. Nós comemos a carne de gente.

Eles se transformaram em cobra, não no xapono, mas nesta floresta mesmo. Foram chamados e foram lá, Wataperariwë e Jibóia, o irmão mais velho. Foram lá longe com as Cobras, mas se transformaram na floresta. Eles, então, não foram dançar.

Com a cabeça coberta de penas brancas, dessa mesma forma que nós nos pintamos, cada um pintou seu corpo com listras diferentes. As Cobras moravam na sua própria região, como gente. Transformaram-se quando foram convidadas a dançar. Elas antes viviam como gente.

Quem eram os dois tuxauas? O irmão mais velho e o irmão mais novo moravam com as Cobras. Os dois também foram dançar. Watawatariwë e Jiboia moravam com seu grupo, as Cobras. Jiboia era o irmão do meio. Watawatariwë era o caçula. Os dois irmãos mais velhos eram esses: Jiboia e Sucuriju, que nasceu primeiro. Aqueles que se pintaram eram três, pois havia também Watawatariwë, o caçula, por isso nós nos pintaremos assim.

Os Parawari também viviam com eles. Por causa deles se metamorfosearam, porque os Parawari os levaram.

Todos eles moravam em frente à serra Wāyapoto, que ainda tem esse nome. Ocupavam essa região ao pé da serra na planície. Eram todos bonitos. É o nome da região onde moravam os antepassados. É o verdadeiro nome dessa região. As Cobras bebiam a água do rio Wāyapo, tomavam banho, se lavavam nesse rio bonito. Tomavam banho e bebiam água.

Eles nos ensinaram, assim, a dançar, mas, infelizmente, se metamorfosearam. Eles iriam dançar, mas, infelizmente, se transformaram. Iriam dançar. Transformaram-se em cobras imediatamente. Tornaram-se cobras. Não foram dançar no xapono de outros.

Em que xapono iam dançar? No xapono daqueles que se transformaram, que ainda existe na terra plana. Aqueles que se transformaram, apesar de se

pintarem fora do xapono, sofreram a metamorfose, transformaram-se em cobras.

Os que convidaram as Cobras, como se chamavam esses antepassados? Eles gritavam enquanto cozinham o mingau de banana para os visitantes.

— Por que estão agindo assim?— Perguntaram-se.

Pareciam gritar de propósito. Transformaram-se perto do xapono dos Jalouaca. Transformaram-se perto desse xapono. Transformaram-se. Os antepassados se chamavam assim, Jalouaca. Assim se chamava o líder. Eram espíritos, são nomes de espírito. Eram Yanomami e moravam como os Yanomami.

Apesar de morarem, assim, como nós, após a metamorfose em cobra eles não voltaram à condição de seres comuns. Pintaram-se fora do xapono dos Jalouaca, pensando:

— Os Yanomami se pintarão assim!

E se pintaram com listras. Pintaram-se, na parte superior do braço, com cor de sangue preto, igual à cor de meu irmão mais novo, como a cor de seu braço. As cobras *maraxari* se pintaram assim; a cobra coral também se pintou com manchas vermelhas.

O segundo grupo do xapono das Cobras se pintou em outro lugar, distante, para que aquelas do outro grupo, que se achavam bonitas, se zangassem. Elas tomaram banho no rio Wataperari, cuja

água era branca. Ficaram onde brilhava a luz. Assim era a luz do rio. Perto do xapono dos Jalouaca, havia o rio, o rio apareceu de repente.

Um pouco longe do xapono, as outras Cobras se pintavam juntas.

Pintaram-se. No segundo grupo havia uma mulher. Os bonitos desse grupo, eram muito bonitos, chegaram até as outras cobras. Chegaram também com eles dois Parawari bonitos, todos eram muito bonitos. Chegaram. A beleza de suas pinturas incomodou os outros, que ficaram com inveja. Chegaram, enquanto os outros se pintavam com riscas. Aquele, cujo nome eu dei, apareceu no meio deles, Sucuriju. Ele, o irmão mais velho, estava ao final dos que chegavam, aquele que tem grandes desenhos.

— Hihĩ! Wĩsa! Wĩsa!— assobiaram.

Os do primeiro grupo, ainda se pintando, viraram a cabeça para olhar em direção das cobras bonitas chegando, e disseram felizes:

— Acabei de me pintar desse jeito!

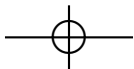
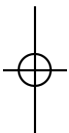
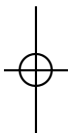
Apesar de não terem dentes como os dos Yanomami, depois de se transformarem em cobras, depois da metamorfose, os dentes saíram. No início, não havia cobra, aquelas que picam não andavam no chão, não havia cobra-surra, nem coral, nem cobra *maraxa*, nem cobra *huwëmoxi*. Não havia nenhuma dessas cobras. Lá, onde os bonitos estavam se transformando em cobras, houve um barulho tão

grande como o de um bando de queixadas, pois as cobras estavam surgindo. As jararacas, as surucucus, as cobras papagaios e as cobras *waro* também surgiram. Invadiram toda a floresta. Assim foi.

Aqueles que haviam convidado as Cobras, os Jalouaca, por causa dos quais aconteceu a transformação, subiram também ao céu no lugar da transformação. Os bonitos estavam suspensos. Torurururu! E trovejou. — Prohu! — Chegaram lá. Não estão aqui, nessa terra, pois andam lá. Queriam viver saudáveis, então estão lá, saudáveis. Não ficam em baixo. Ficaram em cima.

Quando as Cobras subiram, o que aconteceu com os amigos delas, os Jalouacas? Transformaram-se também em cobra.

Então, os líderes do primeiro grupo, que se transformaram também em cobras, ficaram na terra.



Të pë rë oruprarionowei

Oru pë kâi hunomi, oru Yanomami kurenaha pë kâi përioma, pë kâi kuoma. Ihi, kihami, Përipo ïyë rë itorati hami, urihi hami, kiha pë xi wãrihotayoma. Iha pë oru rë kerayonowei, të pë si wëyëihe, oru pëni. Heaka hami, pë xi rii wãrihipraritayoma. Pë praii mi ha hurini, pë xi rë wãrihonowei, hei wama pariki mii. Oru pë hunomi, hetu pë hunomi, wãikoya pë kâi kuonomi, yahetipa pë kâi kuonomi, yuri pë kâi kuonomi, Yanomami wama të pë yâhi ki wai.

Urihi ha pë ha nakareheni, pë hui ha kuikutuni, Wataperariwë, Heturiwë pata xo Oruri pë kâi hupii ha kuikutuni, urihi ha pë xi wãrihoma, pë praii ka-teheonomi.

Pei të pë horoimo pë ha, të pë ma rë yãmouwei, pei të pë pata yãprutaai yaitaama, Oruri pë ha ora ora ya të wãha takema, korokoro pë wãha kuami, pë xi rë wãrihonowei. Ihi Oruri pë rë kui, kama pë urihipi ha, Yanomami kurenaha kamiyë pëma ki rë kurenaha pë përioma, pë xi wãrihiprarioma. Pë xi wãrihopë makui, pë praii mi ayoma, pë ha xoreheni, Yanomami pë përio parioma.

Ihi exi e tē pēriami kupioma? Pata, pē oxe. Oruri pē kãi rē pēripionowei. Ihi pē kãi praipii mi kãi rē hurayonowei, Watawatariwēni pē kãi pērioma, Oruri, Heturiwē xo. Heturiwē pata e wāha yai, pēixoki hami ke e. Pata inaha e ki kupia hei, pē xīro. Wāikoyariwē pei a haa xomarayoma. Inaha pē kua. Ai, ai, ai pē kuoma. Wāikoyariwē e kãi kua, kama pē rē onimonowei, kamiyē pēma ki onimopē. Wāikoyariwē, Hetu, Watawatariwē oxe e wāha, suhe u haikatimi.

Parawari pēni pē kãi hiraomahe, Parawari pē xo pē hiraoma, ihi pēni pē rurure hērimahe yaro, Oruri pē xi wārihamapehe, katehe kama pē xīro hiraoyaritaoma.

Wāyapoto a pariki ha pē hiraoma, ihi Wāyapoto a pariki ha pē pēria xoa. Ihi e wāha kua xoahe. Yari ha, ihi ki tēhē pē pērioma, a urihi pomahe, kama pē urhipi wāha. Pata pē rē pērianowei, tē wāha urihi yai. Oruri pēni u rē koanowehei, Wāyapo u koamahe. Ihi u yaruamahe. Wāyapo katehe u yaruamahe. Pē rē yārimonowei, u rē koanowehei.

Kamiyē pēma ki praipē, ihi tē rē hiranowehei, ihi pēni tē praï hirapehe, pē hurayoma makui, pē yaitaaï tikooma. Pē xi wārihou tikoopē makui, pē hurayo hērima. Pē praï mi ayo hērima. Kama pē oruriprou xoarayoma. Pē oruriprarioma. Ihi ai tē pē iha pē praï mi hunomi.

Weti pë iha pë praipë pë hurayoma? Ihi pë xi rë wārihonowei yari ha, xapono pata a praa xoa, yariyari tē ha.

Oruri pë rë xoanowehei, pë pata rë hiraonowei ihi weti naha pë wāha kuoma? Ihi pei pë xi yai rë wārihonowei, sipo ha pë yāmou makure, pë no rë Oruri preaanowei, pë rë oruriprarionowei. Pë rë yaitaanowei. Tē ki ā si pata ma hipikitapiyei, pë kuratapi u hariihe ha, tē ki ā si pata ma poteheta-piyei makui:

— Weti naha pë pata kuaai tikoa kupiyei?

Pë nohi kuaama. Ixarowēteri pë iha, pë xaponopi ha pë xi wārihoma. Ixaropiwēteri pë pērioma. Pë xi wārihoma. Pata pë rë kui, inaha pë wāha kupramoma, Ixarowēteri. Ihi pēriami a rë kui inaha rë a wāha kuoma. Hekura pë pērioma, hekura pë wāha. Yanomami rë pë kuoma. Yanomami kurenaha pë pērioma.

Hei kurenaha pë pērioma makui, pë poreriprou kōonomi. Ixarowēteri ihi oruri pë xi rë wārihamanowehei pë wāha. Ihi pë xaponopi sipo ha, pë ha yāmorini:

— Inaha pë kuaai hēopē tao!

Pë puhi ha kuni, pë tiprutaama. Oxeyē kihi ixi kurenaha, wakē poko ki hīia rë kurenaha, hei ora ixi hīia rë kurenaha, hei koro ixi rë kurenaha, pë yāmou kuaama. Maraxari pë kuaama, huwē moxi pë kuaama, hei kurenaha pë wakē rukēkoma, yamixano.

Katehe të rë huxutamarenowei pei pë yāmou hēoma. Ihi kama Wataperari kama u ha, pë yārimou hēkema, u wai au, të u xīi wai praapraamopë ha, pë hēkema. Heinaha u xīi kuoma. Ihi Ixarowēteri pë xaponopi ahete ha, e u kuoma, e u pētariomahe.

Hei kamiye pëma ki rë titipiyei hiramorewë nahi ha, kihi Oruri pë yāmou, inaha pë hirao kuoma.

Pë yāmoma, katehe kipi yai rë kui, pë pētarioma, inaha pë pētou kurayoma, hei, suwë mahu a, hei Parawari katehe kipi. Inaha kama pë xīro kuoma. Katehe pë yai rë kui. Ihi pë rë huxutore, pë mia kǎi no rë preaare, pë mi tikëtikëpraroma e pētariomahe. Ihi hapa ya wāha rë yuprarihe e pariomahē. Noha hamī Wāikoyariwë e kuoma. Hititi, pata e nohapi aimama, pë oni pata rë prei.

— Hīi! Wīsa! Wīsa! Pë husi he ā pë mamo xatipraamapehe.

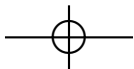
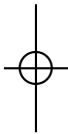
— Hei, inaha ipa ya të taawaikike kuhe! — pë kui topraroma.

Yanomami kurenaha pë naki kuonomi makui, pë ha oruripraruni, iha pë xi ha wārihipraruni, pë naki hararioma. Hapa oru a kǎi hunomi, wa si rë wēaiwehei të kǎi praonomi, Wāyapotorema pë kǎi kuonomi, miomaakahe pë kǎi kuonomi, maraxa pë kǎi kuonomi, huwë moxi pë kǎi kuonomi, kuonomi. Iha pë xi rë wārihore, ihi pë xi rë wārihorati ha, katehe pë xi wārihopë ha, hawë warë ki pata hōra

kuprarioma. Oru pē kuprou yaro. Karihirima, pē-reima, arawaomi, waro pē kâi pata kurarioma. Iha pē rē kuaare îha hei a urihi rē kui, a haikiremahe. Inaha pē kuprarioma.

Pē xi rē wārihamarahei, îharē, kama pē xi rē wā-rihiprore ha, pē heakaprario hērima. Heaka hami kama pē kurayoma. Kama katehe pē rē kui, pē pehi sutihprou yaro Torurururu! Yāru e kurayomahe. Prohu! Kihami pē kuketayoma. Hēyēmî pita ha pē kuami. Kihami pē hui. Katehe pē yai pērîo puhi-opē yaro, katehe pē kua kurati. Pē pepiami. Pē he-akaketayoma.

Inaha pē ha kupraruni, îhi înaha pē ha kupraruni, weti naha norimî e pē rîi kuaama? Inaha e pē riikuprou mi heturayomahe.



A onça e a centopeia

N ESSA ÉPOCA as onças não comiam gente, não andavam, não existiam. Não havia onça na floresta. Daí essa história. Não andava onça por aí para nos matar e nos comer. Hu, Hu! Hu! A onça não dizia isso.

Quem encontrou a primeira onça? Sozinha, ela sofria de fome, sequinha, sua barriga gritava de fome, pois ela não tinha dente. Onça tinha apenas gengivas, ela não mastigava, ela andava magra no meio dessa região do Xererei, ela andava sozinha, andarilha, faminta. Como ela não comia quase nada, ela chorava. Ela chorava por fome de carne.

Quem a encontrou? Onça chegou onde estava Centopeia, onde morava sozinho como gente, Onça chegou à casa de Centopeia. Ele apareceu, eles se encontraram, ele ia de encontro. Com fome, andava como se fosse cego, sem olhos, sofria mesmo, fazia muito barulho, tropeçava de fome.

É uma centopeia! Vocês conhecem esse nome? Era gente, aquele que anda sem fazer barulho. Krihi! Ninguém mais faz esse barulho, andando em cima de um pau. Foi ela quem ensinou primeiro.

Ela emprestou seus pés para Onça não fazer mais barulho; ela o ensinou a andar discretamente. Depois do ensinamento de Centopeia, Onça andou, ela foi lá, chegou à terra plana e desceu.

Ira xo, wapororitawë xo ki he haapii

Ihi tëhë, kamiyë ira pëni pëma ki wai maopehe, ïhi a kâi hunomi. Ira a hunomi, a kuonomi. Të urihi no irapionomi. Te he tikëa. Kamiyë pëma ki ha xëprarinî, pëma ki rë waiwei, ira a hunomi. Hu, hu, hu! Ira a kâi kunomi.

A hapa he rë harenowei, wetini a he harema? Yami ohi pëni a resi no preaama. Xi ki pë kōririwë no preaama. Naki kuami yaro, Ira. Tukutuku të naki pehito kua yaro, të pë kâi waxikanomi, maro-marò ïhi rë të urihi ha, ïhi Xererei a urihi mi amo ha, ira yami a huma. Ohiri hurewë. Ai të wai waimi yaro, ërëkëwë, a ïkima. Ira a naikiri ïkima.

Wetini a he harema? Wapororitawë a kuopë ha, ira a warokema, Yanomami ai a rii përiopë ha, yami, Wapororitawë ihaIrariwë e warokema. A pëtariona, a mi pamarema. A ohiri rë katitore hami. Ihi hawë hupëpi, hawë mamò ki maa hapa a hōra no preaai kuaama, a kraikraipraotima, a rë yutuhouwei ohiri.

Waporomi kē ki! Ihi wama të pë wāha yuai? Kutaeni ïhi Yanomami a kuoma, Yanomami të pë

mamiki hōra wai hīrio ma rē mai! Krihi! Tē kāi
kuimi, a imii makure kiha. Ihini a hiraa parikema.
A hui hirakema.

E mamiki mahikema, ira a kraitou maopē.

Ihi a ha hirakini, a ha ukuuuuhaparuni, a ha
yariiiiihi taparuni, timi paruni.

A onça e o tatu

É UM TATU! Dizemos assim. Tatu estava andando. Yanomami, Tatu, tatu. Hoje, a onça mata e come tatu. Hoje, os dentes do tatu ficam na boca da onça. A onça tem dentes de tatu.

Àquela época, os dentes de Tatu saiam da boca, apesar de ele ter boca pequena. Ele comia coisas grandes. Onça vai tomar emprestados os dentes de Tatu, por isso, ele hoje tem dentes pequenos. Primeiro, Tatu emprestou os dentes a Onça e colocou seus dentes na boca de Onça, seus próprios dentes.

A onça nos comerá. Ela não vai me comer!? Não tenham dúvidas!

Onça e Tatu se encontraram, ela ia como gente. Tëi! Tëi! Tëi! Krai! Krai! Xiri! Híkrai! Xiri! Krou! Kopou! Poxo! Rae! Os dois faziam o mesmo barulho. Tatu ficou parado, ela vinha em sua direção. Quando ela o viu, se aproximou. Tatu olhou para os dentes de Onça. Os dentes de Tatu saíam da boca. Hïia! Originalmente, Tatu tinha os dentes que a onça possui hoje.

— Irmão menor! Irmão menor! Com esses dentes, você come sem problema!— disse Onça.

— Como são seus dentes? Você não tem dentes como os meus?

— Não tenho! Por isso eu não mastigo quase nada. Eu soffro!

— Cadê? — Quando Tatu perguntou, Onça abriu a boca.

— Hiii! Como você vai comer? Quer experimentar os meus? Arranque os seus!

Os dois conversavam. Os dentes finos de Onça pareciam frouxos e finos como agulhas na boca de Tatu.

— Arrancou! Arrancou! Arrancou! Pronto!

Os últimos dentes do fundo ficaram grudados, Onça deu os dentes para Tatu. Os dentes de Tatu se tornaram pequenos.

— Arrancou! Arrancou! Arrancou! — disse Tatu.

Os dentes do fundo.

— Arrancou! Arrancou! Arrancou!

Para colocar os dentes, Onça abriu grande a boca.

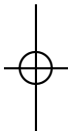
— Kriti! Kriti!— Agora você não passará mais fome. Agora pode logo comer coisas grandes! Você matará animais, você matará anta!— Tatu disse.

Por isso Onça ficou feliz. Ela o abraçou.

— Você mastigará ossos e engolirá ossos mastigados— Tatu disse a Onça.

Imediatamente, Tatu passou a comer somente minhocas; para comer minhocas, ele cavava a terra. Ele comerá com esses dentes, eles comem assim.

Será que vai conseguir quebrar os ossos pequenos? Normalmente, não se quebram coisas grandes, mas Onça conseguirá quebrar coisas grandes. Foi assim.



Ira xo, opo xo ki he haapii

Opo kë a! Pëma ki kui. Oporiwë a huma. Yanomami, Oporiwë, opo.

Kamani a ha xëprani, a wapë makui, ïhi opo, ïhi naki ira iha naki kua.

Ïhi hei opo e naki pata rei pramoma, kahiki ihirupi makui. A ihirupio tëhë, pata të pë wama. Ïhi oponi ira naki rë kui opo ïha e naki mahikema. Naki ma rë oxei. Ïhi ira naki mahipou, oponiira naki tikema, kama naki.

Kamiyë pëma ki wapë, irani. Ware a waimi! Pë puhi kuu mai!

A mi hetua piyërema, opo. Yanomami kurenaha e huimama. Tëi! Tëi! Tëi! Krai! Krai! Xiri! Hïkrai! Xiri! Krou! Kopou! Poxo! Rae! Ira e kua mi heturayoma. Ïhi Oporiwë e rë kui, e yanikitarioma, a katitoimai ha, a ha tararini, e u kua katitikema. Ira naki mima. Opo e naki pata reipramoma. Hïia! Opo naki hami, ira naki. Irani naki rë tapore.

— Oxei! Oxei! Mihi kahë wa naki rë kuini, wa iai ha ayaowei — ira e kuma.

— Weti naha kë wa naki kuwë? Hei ya naki rë kupenaha wa naki mata kupowë!

— Kuami! Kuwë yaro, ya të pë wai wāxikiprai
ha maoni, ya no preaa!

— Weti hami kē? — a kui ha, ira kahiki pata
reretarioma.

— Hīi, wa të iai ayao ta yaitakē! — e ha kuni
— Pei! Ipa wa të ki wapai puhio? Mihi ēhē tēki ta
ukērari!

Ki noā tapiyoma. Hawë proreprore īhi ira kama
naki wai rē ihirupī të ki wai rē kui, hawë unamo të
pë wai rē xororoi:

— Ukē! Ukē! Ukē! A īnahrē!

Hei manakoro ha të ki wai xatipio tahiopē, īhi
ira e naki hipēkema, opo iha naki oxeparioma. Ka-
mani:

— Ukē! Ukē! Ukē! Ukē!

Manakoro të ki pata.

— Ukē! Ukē! Ukē!

Kamani naki rē tiaīwei, ira e kahiki pata rereta-
oma.

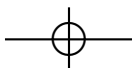
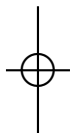
— Kriti!, Kriti! Pei kuikē wa ohii mai kē të! Ihī
hei kuikē rē wa pata iai xao. Yaro wa kāi xēprapē,
xama wa xēprapē — a noā tama.

Kuwë yaro e puhī topraroma. A hēkato hāore
hērīma.

— Wa të ū pë wai ha waxikani, wa të pë wai
waxikano suhapē — e kuma.

Kama oponi horema e xi pë xīro wai xoaoma,
kama opo a rē kui, horema xi pë wai ha, a titētītē-
mou xoakema. Ihī nakini a iapē, pë ma rē iaiwei.

Ihi ihirupi rē tē ū wahatoapē? Hīi! Inaha kuwē
tē pē pata wahatomamou ma mai, tē ū pata waha-
toprai he yatiopē. Inaha a tama.



A multiplicação das onças

EM SEGUIDA, segue a história daquele que fez as onças se multiplicarem. Ele foi à direção certa. Existe nos buracos de pau. Onde havia buraco de pau, outro tipo de onça existia, a onça *irahena*.

Não foi obra de ninguém! Eles tinham um xapono como este. Era o mesmo nome daquele que a tirou do buraco. Aquele que tirou a onça *irahena*, onça parecida com jia, depois de tirá-la, ele se alegrou com a pele pintada; depois de ele arrancar as folhas, as onças habitaram toda a floresta.

Ele chegou ao xapono. Havia queimado. Nesse lugar, a roça estava próxima. Ele plantou as jias no lugar queimado. Ele plantou. Apesar de ser jia, ela não apodreceu, pois era onça. Onde ele plantou um pouquinho, ao final do dia, quando a floresta escureceu, da mesma forma que os capins tem flores, essa flor de onça também desabrochou.

A onça grande começou a surgir. Onde caíram as sementes, as onças se levantaram. Os Kaxanawëteri moravam no centro dessa região. São aqueles que plantaram a onça *irahena*.

Surgiram as onças suçuaranas, as onças suçuaranas vermelhas, as grandes onças e as onças pretas. As onças exterminaram os habitantes do xapono onde haviam plantado as onças, e cujo nome eu dei. Ninguém sobreviveu.

Elas são famintas de carne, e não foi só uma que andou. Logo comeram os habitantes. Esses antepassados não tiveram descendentes, pois nenhum conseguiu fugir. Nenhum sobreviveu. Exterminaram todos. Nenhum. Não foi uma onça só. Em um dia, exterminaram todos. Comeram também aquele que tirou a onça. Ele morreu também.

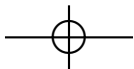
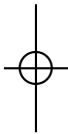
Depois de exterminar todos, a onça continuou a surgir na terra dos *napë*, apesar de essa terra se estender bem ao sul. Não foi obra de ninguém. As onças apareceram onde foi plantada a onça. Apesar de ser *jia*, a *jia* não apodreceu. Lá, a onça ficava dentro, a onça *irahena*.

O que segue, é a história das onças que comeram muita gente.

Eles moravam perto da serra Yamaro e se chamavam Yamarowëteri. Chamaram o xapono deles Yamaro. Apesar de eles não terem plantado urucuzeiros, havia muitos no meio, por isso se chamavam assim. É outro nome para urucuzeiro. As onças os comiam também nas regiões vizinhas.

Os vizinhos um pouco mais distantes eram os Sementes-de-Urucu. Eles bebiam a água do rio Ximono. A voz deles era fina.

Após o xapono deles, havia outro grupo. Eram os vizinhos. Todos tinham os cabelos vermelhos. Os cabelos deles era de um vermelho bem forte. Os vizinhos deles eram os Iranawëteri. Chamaram o rio, do qual bebiam a água, Irana; por isso se chamavam Iranawëteri. Assim faziam nossos ancestrais.



Ira pē rē pararoyonowei

Iharani, hei tē rē kui hami, ira pē rē pararoyonowei, a pērioma. Ihi te he tikēa. Pē pērioma. Ihi ya pē wāha tokumarema. Hei pē pērioma. Hei pē rē kuini, a katitirayo hērima. Hii hi pēka ha tē pē ka ma rē kuprai. Inaha te hi ka kuopē ha, ira hena ti-tioma.

Taprano mai tē ā. Hei kurenaha pē xapono ku-oma. Pei a wāha yai. Pei hena yai rē ukērenowei. A wāha yaia. Ihi a wāha kohomowē. Hena pa xērema. Hena ha ukērēni, moka kurenaha, tē wai ha ukērēni, oni sipo wai oni, e ā topraroma. Tē ha ukērēni, ira pēni urihi a haikiprapehe.

A kōpema. Kihi naha īxino praa. Hikari a ahe-tea yaro. Īxino tē ha, hei moka a keai kure. A kekema. Moka a kuoma makui, a kāi tarenomi, ira a yaro. Tē wai ha kekini, ihi mahu tē rē keare ha, motoka maprou tēhē, tē urihi mi titihiprou tēhē, hei porema hi pē rē kurenaha, porema hi pē hemoxi rē kurenaha, ira e hemoxi kuaama.

Poroporo pē pata kupro hēripē. Ihi hei tē pē hemoxi pata rē prerēre hami, ira pē pata hokēko

hërīma. Kama pē yahipi rē mi amoonowei īhi pē wāha Kaxanawēteri kuoma. Ihi pē yaini ira hena kekemahe.

Ira ketihenarimi, wakēwērimi, poroporokohe pē, hūkumari si pē, tē pē pata kuprarioma. Ihi ei ya pē yahipi wāha rē yuprarihe, īha a rē keare ha,irani pē haikirarema. Ai pē hēpranomi.

Pē naiki yaro, mori mahu tē rē hure ha. Ihi teri pē waa xoaremahe. Iha ai tē no hekama rē hēprouwei, patama tē pē kâi tokunomi. Tē pē hēpranomi. Pē haikiaremahe. Mori mahu tē rē hare. Ihi mahu tē mi haru ha tē pē haikia xoaremahe. Kamanī a rē ukērenowei, a kâi warema. No payeri taprarema.

Ihi tē pē ha haikiraheni, īhi tēhē, hena rē kekihe tēhē, ira pēni napē a urihi makui, napēpē urhipi hami koro hami makui, ira a kuprario hērīma. Taprano pē mai! Keano pē hami ira pē kuprarioma. Moka a makui, moka a kâi wārimonomi. Ihi ira a titioma. Ira hena.

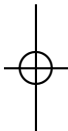
Omawē pē kuprarioma, yai tē pē. Omawē pē wāha kekema. Omawē yai hena paxērema. Inaha tē pē kuaama. Ya tē pē rē hīrinowei, ya tē ā tai. Ya toa hērīma. Ihi tē waikiwē. Hiriano, wēyēno, pata tē pēni wamare ki noā tamahe. Ya prao tēhē, ya ha praoni, ya tē hīrima. Inaha tē kuwē.

Ihi te he tikē hami, pē pruka wai he rē tikēkonowei,īhi tē kâi tikēa.

Ira henani pē pruka rē wanowei, pē wāha. Yamaro ki ha tē pē rē pērionowei, kama pē wāha Yamarowēteri kuoma. Xapono e rē kuonowehei Yamaro awāha yupomahe. Nara pruka xi hi pē keanomi makui, ihi tē xihī pē pata mi amo ha pē kua yaro, pē wāha kuoma. Nara xi hi pē wāha Yamaro kua. Ihi pē pruka wama. Iha pē wai he tikēkoma.

Ihi te he īsitoripī tikēre ha, pē pruka yahipī he rē tikēkēmonowei, Ximonowēteri pē hiraoma. Ximonowēteri pē rē hiraonowei, kama Ximono u koamahe. Pē kahi ā kāi preonomi.

Ximonowēteri pē yahipī he tikēo ha, ai a yahi pērioma. Inaha tē pē henaki wakē kōre kumou xīrooma. Hei pēma ki henaki rē kurenaha, pē henaki kuoma? Pē henaki wakē kōremoma. Ihi ei Ximonowēteri pē yahipī he tikē ha, kama Iranawēteri pē yahipī he tikēoma, Iranawēteri. Kutaeni kama pēni u rē koanowehei, Irana u wāha yuamahe. Inaha no patama tē pē kuaama.



Minhocão

A HISTÓRIA DAS MINHOCAS. Quando a floresta existia, mesmo que a terra existia: — Vou cavar minhocas! — ninguém dizia isso. Não existia minhoca e, como as minhocas não saíam, ninguém saía, ninguém pescava depois de tirar minhocas. Era assim. Nós não as deixaremos cair na água, quando estamos com fome, nós cavamos onde há minhocas, nós as tiramos, muitas surgirão; para que nós fizéssemos assim, ele morou com a menina. Lá onde surgiu aquela mulher, a filha de Pokoraritawë ensinará as Yanomami a não gostar do marido; às vezes elas não gostam dos maridos. Ensinando-nos, a filha de Pokoraritawë se zangava demais, pois estava com medo, não queria seu marido. Apesar de ele ser muito bonito, a mulher não o queria, a filha de Pokoraritawë fez as minhocas surgirem. A mulher chegou lá com os dois Minhocões, que comiam o esperma deles mesmos. Aquele que ela desposou, apesar de ser bonito, foi embora caçar, até que afinal a mãe falou com a filha:

— Filhinha querida, teu marido foi de novo! Vai atrás dele! Vai!— ela disse.

Ela foi bem devagarzinho atrás dele.

Ele foi, soprou veneno em cuxiús, matou; ele era muito bom caçador, Paricá. Ela não gostava dele, de Paricá, era o nome do genro de Pokorari-tawë. Minhocão fez os filhotes se multiplicarem com a esposa de Paricá. Quando seu marido passou, os dois chegaram aonde Paricá estava. Ele estava longe, adiante, quando a mulher passou perto dos dois Minhocões, o mais velho e o mais novo.

Os dois moravam na terra plana e viviam na condição de Yanomami, pois não existiam minhocas à época. Os pais das minhocas moravam lá, no início. Eles farão os filhos se multiplicarem. Passando nesse caminho, lá em baixo, bem longe, Paricá matava cuxiús. As frutas de Minhocão estavam grudadas. Naquele caminho, as frutas eram numerosas, para atrair a mulher. Toso, toso, toso, toso! Faziam os restos. Hōti, hōti, hōti! Faziam assim também.

Os dois eram muito bonitos, os pais das minhocas: tinham a testa enfeitada de rabo de cuxiú, guardando a testa, o rosto dos dois era enfeitado e bonito. Assim era o rosto dos dois. Os dois Minhocões tinham barba bonita, para parecer o rosto de Paricá e enganar a mulher. Ela olhou:

— Krai! Rae!— disseram assim.

Os dois eram esbranquiçados:

— Hīi! Olhe! Olhe! É você?— disse a mulher bem bonita, com seios bonitos.

— Ô! De quem é essa voz?

Como tinha uma clareira, a mulher ficou em pé no limpo.

— Não pergunte quem sou! Sou eu! Você! É você mesmo! — disse a mulher.

— Não, não sou aquele que você pensa, eu sou outro!

— É você, é seu rosto mesmo, assim que é o seu rosto!

Ele pronunciou seu nome:

— Eu sou mesmo o Minhocão!

— Não, você não é outro, é você!

Enquanto ela insistiu em dizer isso, os dois Minhocões logo contaram a ela quem eram.

Um deles olhou e disse:

— Se você diz assim, tire essa folha nova de arumã, aí, aquela folha enrolada, você a arranca e a desenrola, e você senta em cima, sente-se em cima. Coloca sua bunda em cima— disseram os dois, de um jeito cantado.

Rindo, ela correu para arrancar a folha. Pensando que era Paricá, pois tinha o mesmo rosto, quando ele disse isso, ela arrancou a folha. Depois de arrancá-la e desenrolá-la em um lugar bonito da clareira, onde não havia nada, ela se sentou em cima, onde estava limpo. Os dois desceram, os dois desceram rapidamente e copularam com ela uma vez, não várias vezes, somente uma vez. Apesar de copular com ela somente uma vez cada um, os dois

copulavam enquanto o marido estava matando todos os cuxiús, pois era muito bom caçador, acumulando as presas.

Ela não o alcançou, andava devagar.

Depois de ter copulado, não foi nos dias seguintes, mas no mesmo dia, apareceu a barriga que, apesar de uma vez só, já estava crescendo.

— Vai! Vai logo! — disseram os dois Minhocões, que voltaram para a morada deles.

O ventre daquela que estava andando sozinha crescia e crescia.

— Vai lá, onde teu marido está matando os cuxiús, ouça os gritos!— disse o Minhocão.

— Hôhaaa!— ela ficou pensando.

Depois de falar isso, ela foi bem devagar à direção onde estava seu marido. Indo lá, o ventre sempre crescia, porque não havia só um filho. Apesar de serem pequenos, eles estavam acabando com a carne dela. Ela ficou em pé, enquanto Paricá estava amarrando os cuxiús, ela ficou em pé lá longe.

Ele estava voltando. Ele havia matado todos os cuxiús e estava voltando, depois de carregá-los, ele estava voltando. Quando voltava, ele viu o ventre dela enorme de gravidez.

— Nunca mexi nessa mulher, e tem filho nesse ventre!— ele pensou.

Ele simplesmente pensou. Ele nunca tinha copulado com ela, pois ela não gostava dele. Ele passou, voltando. Ela voltou sozinha. Ela estava vol-

tando rindo. Ela estava voltando atrás, sua barriga cresceu rapidamente. Ela voltava com esse ventre enorme.

Depois de um dia, o ventre dela estava gigantesco. Ele olhou atrás e viu a mulher com a barriga enorme.

— Hõãaa! É barriga com criança— ele pensou, e continuou andando.

— Hiii! Será que eu já a sujei?

Xiri! Anoiteceu muito rápido. A noite caiu depressa. O ventre estava cheio. Olha só o suporte dos bichos. Não havia só um! O ventre estava se mexendo.

— Õa, ãa, ãa, ãa!— diziam, lá dentro.

A mulher sofria, sofria passando mal, sofria por causa do que acontecia dentro dela. Doía muito o ventre dela. O marido dela estava deitado na sua rede, sem olhar para ela, enquanto o ventre dela doía, pois doía muito, acariciando sua barba e, enquanto a noite logo ficou densa e grossa, as minhocas saíram.

Weo! Weo! A placenta se derramava como se fosse água, e saíam filhotes de minhocão:

— Ûa! Ûa! Ûa!— já faziam assim.

Como parecia voz de criança, ele olhou para as crianças no chão, apesar de estar deitado na rede, ele olhou. Não havia criança. Ele olhou de soslaio. Não dava para ver. Embaixo dele:

— Ûa, ãa, ãa, ãa!— faziam sem parar.

Eles nasciam, nasciam, nasciam, nasciam, nasciam, nasciam, nasciam.

Hiii! Havia tantos montes de minhoca que o fundo da casa sumiu, a vagina dela estava cheia de minhocas. Depois do trabalho de parto, ela olhou; ela fez assim. Eles choravam como crianças, chorando de sede já, eles demonstravam sede:

— Sede! Sede!— diziam, com uma voz de criança — Estou com sede! — diziam rapidamente.

— A criança cresceu tão rápido! — ela pensou assim.

Como estavam sempre com sede, ela deu o seio.

— Tusu! Suku! Tusu! Suku! — faziam assim enquanto mamavam. Ela fez assim. Como as minhocas faziam isso, ele ficou esperto. Ele entendeu:

— Hii!— ele pensou.

A mãe dela chegou correndo. Apesar de olhar, ela não as viu imediatamente. Apesar de escutar o choro de criança, ela olhou e voltou a deitar.

Deitada, a mãe das minhocas as cobriu, cobriu, cobriu, cobriu, cobriu. Amanheceu. Como a filha estava indo de manhã cedo, ela falou para sua mãe, enquanto o marido estava ali pensativo.

— Mãe! Não descubra o que eu cobri no fundo da casa. Não fique olhando o fundo da minha casa!

Havia tantas minhocas! Elas se embolavam, zomando, porque estava cheio.

— Não olhe o fundo da minha casa. Não descubra o que eu cobri!— ela disse, e saiu.

Xiriririri! E sumiu. Enquanto isso, a mãe levantou da rede.

— Por que? Onde está essa criança, que deveria estar no colo, recém-nascida? Vai chorar muito, assim!— ela pensou, e correu até a casa.

Ela foi logo. Ela correu e descobriu o que estava onde a filha morava, aquelas minhocas, todas mexiam a cabeça ao mesmo tempo.

— Xiririririri! Sede! Sede! Sede! Avó! Sede!— eles a chamavam de avó.— Avó! Sede! Avó! Sede! Avó! Sede!— todos diziam.

— Hãaaaaä!— ela gritou logo— Hãaaaaä! Só você para fazer surgir aquilo! Por isso! Você não trata bem seu marido! É por causa desses bichos estranhos que você não conseguiu dormir!— ela disse— Vai! Meu genro! Enquanto eles se mexem assim, derruba logo essa lenha, faz um fogo grande para ela!— disse a mãe.

Ela mandou queimar a filha viva! Depois de ela dizer isso, ele desceu da rede. Ele não demorou: derrubou aquele carapanã-uba.

Kraxi! Kraxi! Kraxi! Krao! Torou! Fazia lenha para cremá-la. Enquanto fazia lenha, ela voltou. Ela tinha ido tomar banho sem perceber, ela passou onde ele estava partindo a lenha. Ele virou as costas, onde ele estava fazendo lenha. Ele nem olhou. Ela se deitou, encolhida.

Pou! Pou! Pou! Ele amontoou muita lenha. Pou! Pou! Pou! Ele pegou brasas para acender o

montão de lenha, ele fez aumentar o fogo. Como a lenha era seca, o fogo pegou logo.

Weee! Ele fez uma cerca, fez para ela. Depois, ele correu atrás dela. Ela nem se levantou, ele gritou para pegá-la, pois queria a cremar viva.

Weeeee! Ela estava deitada bem reta. Ela nem reagiu, ele correu a carregando em direção do fogo, e ela chorava:

— Ëäë! Ëäë! Mãe! Pai!

As pernas dela estavam balançando, dando impulso. Ele a jogou no meio do fogo.

Pou! Ele pegou outra lenha que estava no chão e amassou, amassou com força.

Ëëëaaaëëë! Proto! O fogo queimou, enquanto cremava, a sogra dele correu em cima dos minhocões para queimar os feios. Ela correu para pegá-los. Ela já tinha colocado água em cima do fogo em uma panela de barro para cozinhá-los. Ela correu com uma vasilha de água quente em direção das minhocas cobertas. Ela jogou a palha de coruá que as cobria:

Weeeo! Os minhocões gritavam:

— Öiii, öiii, öiii!

— Avó! Couro encolhido! Couro encolhido! Couro encolhido! Couro encolhido!— diziam atordoados, chamando-se de pele encolhida.

— Avó! Couro encolhido! Avó! Couro encolhido! Avó! Couro encolhido!— diziam os pedaços, arreventados.

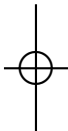
Olha só os montões de pedaços! Os pedaços estavam correndo logo, e ocuparam toda a floresta, os minhocões. Ficaram ocupando a floresta, os arrebetados, correndo logo pra todas as beiras de rio, entraram depressa no fundo da terra.

Depois de acontecer isso: — São minhocões! — Dizemos. Foi assim que aconteceu. Não existiam minhocas. Foi com ela que se multiplicaram. Nós as faremos cair na água para nós comermos peixes. A minhoca não apareceu do nada.

Foi depois de os dois Minhocões copularem com ela e multiplicarem seus filhotes, que foram embora com os pais. Os filhotes não moraram onde foram cremados, nem ficaram ali perto. Os dois foram logo. Assim foi. Desde que aconteceu, quando cai a chuva:

— Tëi, tēi, tēi, tēi tēi! — Dizem seus pais, de onde estão.

Assim foi a história.



Horemariwë

Ai të ã. Horema të ã. Horema pë rë kui, urihi a kuo tëhë, heinaha xomi (pita) a kuprou tëhë, a kuo tëhë:

— Kiha horema ya ki tiëai! — ai të pë kunomi.

Horema xi pë kâi kuonomi, horema ki ha harini, ai të hunomi, ai të ki wai ha tiëreheni, yuri a kâi rëkai taonomihe, ïnaha të kuoma. Ihi pëma të pë keamapë, kamiyë pëma ki ohii tëhë, të pë kuopë ha, pëma të pë ha tiëni, pëma të pë pata ukapë, të pë pata kupropë. Tëëpi kâi përikema. Ihi ihami a suwë rë pëtore hami, Pokoraritawë tëëpi ihami Yanomami të pë ipio hirai ha, të pë ma rë ipiowei; ïhi të hirai ha kamiyë Yanomami pëma ki iha Pokoraritawë tëëpi huxuo he parohooma, a kirii yaro, a puhinomi, a riëhëwë totihiwë makui, suwëni a puhinomi, Pokoraritawë tëëpëni horema pë rara-kema. Ihi Horemariwë kama kipi iha a suwë ha waroikuni, kama mouki kete waoma. A rë ponowei, katehe a makui, a rë ponowei, e hurayo hërima, yakumi ïhi ihami pë nii e ã hai heama:

— Xõe! Hëarohë a nohi hua kōrihe! A wai huto hërii! Huri hëri! — e kuma.

Opi e hua hërayo hërima. E ha hurini, wixa e ki horama, e ki niama, a nihiteo he parohoma, Yakuana a nihiteo he parohoma, ïhi iha a ipioma, Yakuana iha, Pokoraritawë siohapi wāha, Yakuana hesiopi iha Horemaritawëni ihirupi pë rarakema. Hëaropi e ha hayuikuni, e kipi nosi ha wetitaruni, a ha kuuuuupohoruni, a suwë hayuo ahetou tēhë.

Horemari kipi, pata, oxe, kipi rë përipia yarita-awe ha, Yanomami kipi rë kuonowei, horema pë kuami yaro. ïhi hapa horema hïipi kipi përioma. Ihiru pë raraapë. Hei yo hayua, hei, e ha kuuuu katiiiii tipokirini, Yakuanani wixa ki niama. Kama mouki tē pë pata yētëpramoma. Hei yo ma rë kui, tē pë pata ximokorepramoma, suwë a rurupëapë. Toso, toso, toso, toso! Ki kanosi kupima. Hōti, hōti, hōti! E kupima.

Kipi riëhëo totihioma, horema pë hïipi rë kui, kipi moheki wëhuhuoma, hei wixa texina si pë rë kui, texina si yohopipoma. Kipi moheki wëhuhupiwë totihitaoma. Inaha rë e kipi moheki kupioma, kipi kaweiki kâi totihitapioma. Yakuana moheki kurenaha, suwë a miramapipë, a mamo xatitarioma:

— Krai! Rae! — tē kutario ha.

Kipi pruxixiwë:

— Hïi! Mipraa! Mipraa! Mipraa! ïhi kahë rë wa? — e kui pëtarioma, suwë. E kupii pëtarioma, xëkëkëwë, suhe puu wai totihitaoma, no xi aihawë.

— Ō! Weti wāwā ta tawē, weti pei wāwā ta tawē?

Heinaha tē ka yakēa kua yaro suwē a wawē-towē upratarioma.

— Weti mai! Kamiyē kē ya!

— Kahē rē wa, kahē rē wa nohi kui!

— Ma, kamiyē ūhi ya tama! Kamiyē yaiwa ya rii.

— ūhi rē wa, ūhi wa moheki katitire! Inaha wa moheki kuwē! — e kuma. A wārima.

A wāha yuprarioma:

— Kamiyē Horemari ya rii ta kui!

— Ma! Wa no yaipimi, ūhi rē wa!

Inaha e kupii ka kuaai ha, e kipi ā hapii xoaoma.

E mamo xatitarioma.

— Inaha wa kuu kunoi, mihi umoromi henaki tuku rē tiririre, mihi hena rē hututure, wa hena kipi ha ukērēni, wa hena ha hapexeparini, ūhi hena ha wa rokei, wa rokei kē tao! Wa koro pakohekei kē tao — e ki kahiā kupima.

E ūka wā kāi rērēa nokakema. Hawē ūhi a kuwē ha, ūhi Yakuana moheki kuopē naha, moheki kuo katitioma, a kui ha, e hena ki ukērema, e hena ki ha ukēpirēni, hena ki mi ha hapexeparini, heinaha tē totihitaopē ha, tē ka yakēopē ha, a koro pakohekema, tē tāihiopē ha. Kuaai tēhē, e ki itopirayoma, a napē itopia haitarayoma, e ki rē itopire, na wapima, mahu, hei ai na wai, na wai, na wai tē kupronomi, mahu! Aini mahu na waararei, aini

mahu na waararei, inaha mahu makui. Hei na rē wapii hēre, kiha hēaropini wixa ki haikiai kē tēhē, a nihiteo he ha parohooni, ki weyoyamatii kē tēhē.

Iha e waroo mai!

E opisi hui hēo hērima, hei na rē wapiararihe ha, ai tē henaha e makasi kái pētonomi, mahu makui, ihiru makasi tirehetou waikirayoma, hei a rē waikare ha.

— Pei! Wa hurayou kē tao! — Kama kipi pēriopē ha, ki kōpikema.

Hei a rē hui hēoimati hami, ihiru makasi patai waikio hērima.

— Hēarohēni kiha wixa ki hōra rē niayahi ha, ihi ei rē e ki rāawa, iha wa e waroyei — e kuma.

— Hōaaa! — e puhi kui hēoma.

Ha kuni, opisi e katitiatarou hēo hērima. E rē katitore hami, ihiru a makasi tirehou waikio hērima. Mahu tē kuami yaro. Pei tē pē ma oxei makui, yāhi ki haikiamā. E uprakema, wixa pē nanoka hāomai tēhē, e upraa hēwēpetayoma.

Kama a kōoimama, ki niaa waikirarema yaro, a kōoimama. Pē ha yehirēni, a kōoimama. Kōoimani, suwē a makasi karereoma. Makasi kario ti-rewē waikiwē:

— Kihi rē ya pē napē kuaai taoma mai, kihi ihiru rē makasi ē! — a puhi kutarioma.

Kama a puhi kui pēoma. Kamani na wanomi, e ipio yaro, a kōo e hayukema. Yami e kōo hēoi-

mama. E ĩka wa teteo h  oimama. ĩhi pei noha hami e k  o ha h  oimani, e makasi pataa hairayoma. Patai h  oimama.

Ĩhi mahu t   mi haru ha, makasi pata ihea h  rima. A mi yapatou k  rayoma, suw   makasi pata kareroma.

— H  aaa! ĩhiru r   pesi! — a puhi kutario h  rima

— H  i! Ya no kiriai tao ta yaitak  ? — a ha kuni.

Xiri! ĩhi t  h   e t   mi titihiprou haitarayoma. Rope t   mi titihiprarioma. ĩhiru t   makasi pata ihew  . Hei t   p   pesi pata hei! Mahu k   p   kua yaro! Mahu! T   p   pesi pata upraupraroma.

—   a,   a,   a,   a! — t   p   pata kui huxomioma.

Suw   a no preaama, xi kirihiw   no preaama, huxomi xi kirihiw   no preaama. E t   p   pesi pata ni-niprarioma. H  aropi e kutaoma. ĩhi e hesikaki r   r  rapohorohe, ĩhi t   p      pata ma p  rao t  h  , t   makasi h  ra niniai ha haitaikuni, kuaai ha, huxo huw  taoma, ĩhi t  h   t   mi titi supraa h  rii t  h  , he  teprou h  rii t  h  , t   p   pata keama.

Weo! Weo! Haw   mau u pata ripraama, ĩhi ho-remari p   ĩhirupi yono u pata.

—   a!   a!   a! — hapa e t   pata kurayoma.

Ĩhiru a yai kui makure, ĩhiru e r  ya praa ha mini, e hesikaki ma r  re t   mima, kuonomi. Mamo ax  oma. Taproimi. ĩha kama pepi hami:

—   a!   a!   a! — t   p   pata kutima.

T   p   pata keai, keai, keai, keai, keai, keai, keai.

Hĩĩ! Pei kē tē pē he pata poraraprawē xīka m-
parioma, na ka no nihioma, a nohi kuaama. A ha
kupraruni, tē pē mima. Ihi tē pē pata ūaūapraroma:

— Amixi! — tē pē pata kui haitaoma. Pē amixi
himou ha — Amixi! Amixi! — tē pē pata kuma.

— Ihiru a wā kāi, wai hōra pataa ropaharayou!
— a kui no mihitaoma.

— Tusu! Suku! Tusu! Suku! — Pē amixi kōo ha,
tē pē pata tamama. Inaha tē pē pata kui ha, a puhi
moyawērayoma. No ihipirema.

— Hĩĩ! — a puhi kutarioma.

Ihi tēhē pē nīi e kua yaro, pē nīi e rērēkema. Tē
mīi makui, tē pē pata taprai haionomi. Ihiru rē a
wā makure. Tē miakema, a pēria kōkema.

E ha pēriikuni, tē pē he pata yohoapotayoma.
Yohoi, yohoi, yohoi, yohoi, tē mi harurayoma.
Harika totihiwē e hui yaro, pē nīi iha e ā hama. Ihi
hesikaki kuprao xoao tēhē:

— Nape! Hei pei ya xīka rē kui hami tē pē he rē
yohohore tē pē he karoai heai mai! Ware xīka mīi
heai mai! — e ku hērima.

Horema pē kua yaro! Tē pē mi pata puruwē
yaro. Tē pē pata xiririmoma.

— Nape, ware xīka mīi mai! Hei tē pē he rē
yohohore tē pē he karoai mai! — e kuma. E ku
hērima. E harayo hērima.

Xiriririri! E mato hērii tēhē, e kui tēhē, pē nīi e
waheparioma.

— Exi të ha, exi të ha ihiru weti hami a rë yakapore? Të mia hore ma përamapou — e puhi ha kuni, e rërëkema.

A rë rërëore, kama a kuopë hami të pë he pata rë yohoawei, të pë he pata karoprarema, horema të pë pata yai rë prei, ihi naxomi xïro, të pë he pata kuakuaa nokararioma:

— Xiriririri! Amixi! Amixi! Amixi! Yape! Amixi! — pë nii iha të pë pata yesimoma — Yape! Amixi! Yape! Amixi! Yape! Amixi! — të pë pata pruka kuma.

— Hïãaaaä! — a raria xoarayoma — Hïãaaaä! Inaha wa të pë pata hore taamai ayao yaro wa të ã hore no kirio ayao nosië! Inaha kë wa të pë pata xami hore taamatii ayao yaro, wa të ã hore yaho-omi ayao no kuhaë! — e kuma. — Pei! Xõe! Inaha pë taamayou tëhë mihi wahë ãxo ha tuprakini, a wakë kata tapipa! — pë nii e kuma.

Pë niini a yaamai puhima. Temitemi! Kui tëhë e wahetarioma. A no teteheo mai! Hatoa a rë upra-awei.

Kraxi! Kraxi! Kraxi! Krao! Torou! tariki ta ma! Tariki tama. Tariki tai tëhë, e kōpema. Kihami a rë yarimou xomi arui, tariki poapë hami e hayukema. E yaipë rëtakema, kama tariki makui ha, e mamo kâi xationomi. E tasiki yoretakema.

Pou! Pou! Pou! E të pë heru pata taketayoma. Kai wakë ha. Pou! Pou! Pou! wakë pata ukëa ha piyëreni, wakë paramama. Të pata haxitiwë yaro,

e wakë kâi pata waa haitakema, arana ki tapema, a pehi tapema. A pehi ha poxokopani, a napë rërëa xoakema:

Weeeee! E kâi hokëpronomi, napë iramo-rayoma, a temî yaai yaro.

Weeeee! E katipraoma. Weeeee! E kâi hukëonomi, kai wakë pata hamî e kâi rërëkei ha, e ää-morayoma:

— Ää! Ää! Napemi! Hapemi! — e kurayoma.

E matasiki yoayoamoma, e kaxëai ha. Ihi mi amo tē wakë pata yai ha:

Pou! A xëyëkema. Ai äxo pata rë praawei äxo pata ha hurihirëni, a patëtëpema. A hîkipema.

Ëëëäääëë! Proto! Kai wakëni, a ïxirayoma, a ïxii tēhë, pë yesi e yëkema. Wãriti tē pë pata yaprapë. E tē pë napë pata rërëa paxikema. Mau u pata tupoma, hapoka a ha, tē pë hete pata rë tu-aiwei. Kai hesi ha e u kâi pata rërëkema. Tē pë he pata rë yohoawei ha. Masiko ki pata maiprarema.

Weeeee! Tē pë ä pata pëprarioma.

— Öiii, öiii, öiii! — tē pë pata kui pëprarioma.

— Yape si äyiki, yape si äyiki, yape si äyiki, yape si äyiki! — tē pë pata porepi kuma. Kama pë si pata äyikiwë himou ha:

— Yape si äyiki! Yape si äyiki! Yape si äyiki! — tē pë pata kuma, hemata.

Kihi kē tē pë pata hemorokowë yapuruprawë, ïha tē pë hemata pata rë rërëoprou xoare, kihi a urihi rë kui, a haikiremahe, horema pëni. A urihi

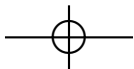
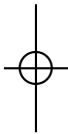
haikire hërimahe, ïhi rë të pë pata rë hëtitiraruhe,
pata u ki rë kutarenaha, hei a pita huxomi hami, të
pë pata rërëokema. Rërëo xoaokema. Inaha pë ha
kuoikuni:

Horema kë pë! Pëma ki kui, inaha të kuprari-
oma. Horema pë kuonomi. ïhi ihami të pë pata ra-
rokema. Pëma të pë keamapë, yuri pëma pë wapë,
kama horema a xomi kupronomi.

A ihiru ha rarapikini, pë hii iha e kipi rë kupio-
nowei, ki hupirayoma. Ki ihirupi yaprai aheteopë
ha, kipi kupionomi, kipi përipionomi, ki ahetepio-
nomi. Kipi hupia xoarayoma. Inaha të kuprarioma.
Të ha kupraruni:

— Ti, ti, ti! ti, ti! — maa a ha kenì, ïhi pë kupra-
mopë hami, pruka pë hii pë kui.

Inaha të ã kutaoma.



O pássaro popomari

HÁ A HISTÓRIA PARA NÓS, Yanomami, nos perdermos na mata, ensinou-se, ensinou-se a nos perdermos. Eles tinham uma grande roça, e assim faremos. Aprendemos a nos perder até na roça, de tão grande. Ela se estendia, apesar de ser roça, e aquele um se perdeu. Tem essa história, também. Foi assim.

Há os que existiram no início e que se transformaram, aqueles que existiram; a imagem daquele que gritou existe também na terra dos *napë*. Ele se perdeu, aquele que se perdeu lá, o eco da sua voz voou em todas as partes. Ele gritou, o pássaro *popomari* fez ele se perder. Ela habitou toda a floresta, a voz: Po! Po! Po! Po! Po! Po! Po! Po! daquele *popomari*, Popomaritawë se perdeu. Aquele que se perdeu errou de caminho e sua imagem foi embora. Com o eco da sua voz, para toda a floresta se encher de *popomari*. Nós faremos assim, pois nos ensinaram.

Nós também ficamos à deriva em cima dos rios, não voltamos direto. Você se perderá no rio. Ficamos agindo assim, ele sumiu. Ele gritava, gritava e ninguém respondia. Não responderam. Ele se per-

deu lá longe, no meio da roça e não responderam.
Assim fez, sofreu, por isso, o canto dele se escuta
também na terra dos *napë*.

Popomaritawë

Yanomami pëma ki mohorupë të kãi kua. Të rë hiranowei. Mohoruu rë hiranowei. Hikari pata a prapoma. Inaha pëma të pë tapë. Të pata ha praukurarini, hikari a makui ha, a mohoru rë kukenowei, të kãi kua. Taprano të hami mai! Ai të pë no patama hami mai! Inaha të kuprarioma.

Hapa, të pë rë kuonowei, ïhi të pë rë kuprari-onowei, ïhi napë pë urihipi hami të pë ã no uhutipi kãi kuprawë, a rë kominowei, a tokurayoma, kihami a rë tokure hami, a wã no uhutipi yëo xo-aomopotayoma. A komii, popomari pë rë kui, Popomaritawë, a mohorumarema. ïhi a rë kui: Po, po, po, po, po, po, po! Të pë rë kutouwei, urihi a haikirema. ïhi mohoruno a rii rë yakërayonowei, a no uhutipi huokema, ïhi a wã no uhutipi; inaha a urihi no popomaripi kuprou haikiopë. Inaha pëma ki kuaapë, pëma ki hirama.

Mau u ha pëma ki kãi karëi, pëma ki kãi kôo katitiomi. Mau u hami wa mohorurayou. Inaha pëma ki kuaai rë hëre, a marayoma. A komiprarotima, a komipraroma, e të pë ã huonomi. A wã huanomihe. Hikari mi amo të pata hami, a ma mohorurati, a wã

hīrianomihe. Inaha a kuaama, a no preaama, kuta-
eni, napē a urihi hami tē pē ā kāi kuwē. Inaha tē
pē kui haikiwē.

O surgimento da flecha

A HISTÓRIA da flecha. Aconteceu o seguinte. Tinha o dono. Não foi outro que depois de abrir um tipo de roça plantou as flechas. Onde morava o dono, parecia um flechal, essas flechas que eles plantaram em seguida em todos os xapono.

Assim que é, porque ele é o dono mesmo. Aquele que descobriu a flecha se chamava Xororiakapëwë, é seu flechal, fará atirar as flechas, aquele que descobriu as flechas, era a imagem das pequenas andorinhas que voam acima da água.

Xororiakapëwë descobriu as flechas, fez as flechas *hauya*. Graças a ele, os Yanomami descobriram a flecha e pegaram-na. O limite do flechal fica na boca do rio subindo, é seu flechal, não é de Yanomami. Eles pegaram as flechas e as espalharam. Ele fez as flechas se multiplicarem.

Os Yanomami não tinham flechas, depois de pegarem-nas e plantarem-nas, eles guerrearam. Antes, eram desprovidos, não tinham flechas, eles flechavam com dalas pequenas de arumãs em penas, aquelas flechas nativas, ou de caule de planta *tomí si*. Ofereciam-se essas flechas de má quali-

dade, pegavam haste de caranarana parecidas com flechas, amarravam penas na extremidade e flechavam com essas flechas de má qualidade. Não existiam flechas de verdade. Foi por ele que os Yanomami se flecharam, pois ele as fez. É o dono mesmo.

Xereka a rē kuprarionowei

Xereka a rē kuprarionowei. Weti naha tē kupronomi! Kama pē teri a kua yaro, hawē hikari a pata ha tapramarni, xereka si rē kekenowei ai tē kuami. Kama pē teri pēni pē kuopē ha, a pēriopē ha, hawē inaha si pata kuoma, e tē si pata rē kuprarionowei, ihi tēhē tē rē piyēmai kukenowehei, e si kuoma.

Inaha tē kua, kama pē teri yai. Si rē taprarenowehei, kama a rē pērionowei, ihi a wāha, Xororiakapēwē e si, ihini xereka a niaamapē e si, si rē tapramarenowei, xoro ihi tē pē no uhutipi ihirupi yēi, mau u hami.

Xororiakapēwēni si xereka taprarema. Hauya si tapramarema. Ihi iha si he rē harenowehei, a piyēremahe, kihi ipa u rē para kiri, kihi tē si pata koro, ihi hei ihete rē tē si pata yamoo kurayoi, ihi e si yai, Yanomami tēni mai! Ihi e si piyēremahe. Yanomami tē pēni xereka a ponomihe, pei si piyēremahe, si ha piyērēheni, si ha keariheni, tē pē ni-ayorayoma, hapa.

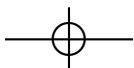
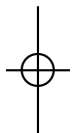
Hapa tē pē hōrimoma, xereka a ponomihe, ruhu masi pē wai xomi niaamahe tiritiri tē pē wai xīro niaamahe mahemahō, urihi hami tē si pē rē kuprai, tomi si poko pē, yāxaamahe, kohere si poko pē

hawë xereka pë rë kure, ãhi tē pë he õkawa yãxaai
no preomahe. Xereka pë kuami yaro. Ihini Yano-
mami tē pë niayopë, si taprarema, ãhi teri a yai.

Antes do surgimento do terçado

QUANDO NÃO HAVIA TERÇADO, quebravam o peito das tartaruguinhas *pirema*, rachavam pau e amarravam na fenda do pau aquele peito de tartaruguinha, sofriam com esse tipo de ferramentas com as quais abriam roças. Assim faziam no início.

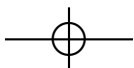
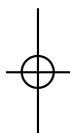
Amarravam também peito de jabuti, derrubavam árvores com machados de pedra, com pedras. Aquelas pretas. Procuravam e juntavam as pedras, afiavam-nas e derrubavam as árvores grandes. Com essas pedras amarradas no pau. Depois de recuperarem todas as pedras, de amarrá-las bem fincadas, eles derrubavam as árvores grandes. Por onde eles moravam, por onde eles habitavam, com a casca do peito das tartaruguinhas, eles cortavam os esteios das casas. Assim que faziam.



Sipara a rē kuprarionowei

Sipara a mao tēhē, mixiukēmi, misi pē pariki si ha karoaheni, pē pariki si hāhopomahe, hāhoa kurenaha tē pē hāhoaikuo no ha preoheni, ihi tē pē pariki si ha tē pē hikaripi taoma. Inaha tē pē ku-aama, hapa.

Totori pariki si hāhopomahe, poo maro pēni kayapa hi pē tuyēmahe, maa ma pē, tē pē rē ixi, ihi tē pē ha hokaheni, tē pē namo ha taheni, kayapa hi pē tuyēmahe. Hāhoa tē pēni. Pei tē pē ha wākiaheni, tē pē posi ha ōkaaheni, kayapa hi pē tuyēmahe, ihi pei tē pē pēriapē hami xapono a tapehe, ihi misi pē pariki sini, tē pē hātopi nahi pēoma. Ihi tē xīro tamahe.



O corte dos cabelos

QUANDO não havia *napë*, sofriam de ter o rosto fechado pelos cabelos que desciam, tinham o rosto como o de mulher por causa dos cabelos. Ele fez o bambu *sunama* e o bambu *waharokoma* aparecerem. Os Yanomami cortavam os cabelos com ponta de tacuará. Quando não o encontravam, usavam o bambu *uhe*. Rasgavam-no e cortavam os cabelos com isso, faziam o corte com esses pedaços. Eles se davam esses pedaços de má qualidade, pois não havia *napë*. As mulheres sofriam com o sangue do corte, quando faziam assim, cortavam a testa, como faziam assim, eles sofriam. No início, não havia tesoura.

Qual é o *napë* que apareceria e inventaria aquela tesoura?

No início, se cortavam mutuamente o cabelo com pedaços de tacuará afiados. Partiam o bambu *sunama*, com o qual se cortavam o cabelo mutuamente, com o fio da lâmina. Kreti! Kreti! Kreti! Cortavam-se o cabelo mutuamente. Assim que faziam entre eles. Também não havia facão.

Cortavam também a carne com pedaços de ta-
cuará *sunama*, no início.

Të pë hemakasi pëyomou rë hapamonowei

Hapa napë a mao tëhë, pë mi raeke no preaama, të pë henaki itoma, të pë mi raeke no preaama, suwë moheki kurenaha, të pë moheki kuaama, pei të pë henakini, ïhi të rë kui, Sunamau he ki rë pëtamarenowei, Waharokoma ki rë pëtamarenowei, rahaka pë atahuni të pë mi pëoma. ïhi ki he hao mao tëhë, uhe pë wãha yai kua kuhe. ïhi pëni, të pë ha kakaheni, të pë mi tayoma, hõra, hanioma, atahu pëni. ïhi të pë yãxaamahe, napë pë kuami yaro, suwë të pë mi ïyë no preaama, inaha të pë taihe ha, huko si pë hani, inaha të pë pata taihe yaro, ïhi të pë ha të pë no preaama.

Hapa nakira pë kuonomi yaro, weti a napë a ha pëtaruni, ki taprapë? Mi haniyou të kuoma hapa. Rahaka namo, rahakaa atahu të pë haniyoma. Sunama akasi pë kakai piyëohe, ïhi të pë tutakini të pë mi haniyoma. Kreti! Kreti! Kreti! Të pë henaki tayoma. Inaha pë tayoma. Xokopi pë kãi kuo mao tëhë, xokopi pë kãi kuonomi.

ïhi Sunama akasi pëni të pë yaropi hanioma. Hapa.

Adverte-se aos curiosos que se imprimiu este livro em nossas
oficinas, em 20 de outubro de 2016, em tipografia Libertine,
com diversos softwares livres, entre eles, Lua^AT_EX, git & ruby.
(v. 33199of)

